

DÍVIDA: BANCOS FAZEM "OPERAÇÃO TARTARUGA".

Os credores podem, mas não querem fechar um acordo já. Vão pedir mais garantias a Mailson.

O ministro Mailson da Nóbrega, que há dez dias partiu de Washington prevendo um acordo para a dívida "até o final da próxima semana", a passada, estará de volta aos Estados Unidos nesta sexta-feira, dia 29, para encontros no FMI, no Banco Mundial (Bird) e no Departamento do Tesouro, mas sem muitas chances de fechar o pacote em menos de outras duas semanas, segundo banqueiros e algumas fontes envolvidas nas negociações.

"Um problema delicado, ainda em aberto, é a questão da cláusula de penhora liminar", de acordo com uma fonte, que pediu para não ser identificada. Ele explicou que o Brasil "não quer abrir mão de forma absoluta de sua imunidade soberana", que permitiria o confisco de bens no caso de uma nova moratória. Os negociadores brasileiros estão fixando, como limite, "uma abertura restrita, envolvendo apenas os bens de comércio", mas ainda não se alcançou um equilíbrio jurídico que supere o impasse.

Além deste problema, uma outra fonte disse que se espera algo de mais concreto da parte do Brasil. "Os banqueiros podem fechar o pacote amanhã", confirmou esta fonte, neutra, que acompanha as negociações. "Mas não querem. Esta 'operação tartaruga' vai prosseguir até o Brasil apresentar algo mais concreto do que boas intenções de negociar com o FMI."

Segundo especificou a primeira fonte, a "operação tartaruga" é promovida pelos bancos médios, "porque os grandes iriam adiante com o Brasil sem o FMI".

Aval do Bird

Outro problema é que alguns bancos, principalmente japoneses, querem que o Brasil obtenha garantias do Banco Mundial para uma parte pequena dos empréstimos. O Banco Mundial já teria se manifestado, em Caracas, durante a reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento: só entraria em cena se necessário, para evitar um rompimento nas negociações.

Já dentro do banco se dizia, ontem, oficiosamente, que não se sabia, exatamente, a razão da próxima visita do ministro Mailson da Nóbrega.

26 ABR 1988
JORNAL DA TARDE



A situação do Brasil no Banco Mundial, atualmente, é das piores: ele só recebeu, até agora, ao fim do ano fiscal, em junho, cerca de US\$ 300 milhões. "Se não ocorrer uma reviravolta, rápida, o Brasil talvez bata um recorde de poucos empréstimos." No ano passado, no último mês fiscal, o governo brasileiro acabou arrecadando US\$ 1,2 bilhões com um mutirão de projetos.

Um outro problema que está

atrasando o final das negociações, em Nova York, é uma discussão entre os próprios banqueiros sobre o dinheiro novo. Os europeus resistem em fornecê-lo, porque, ao contrário dos americanos, devem fazer reservas antes, e não apenas quando sofrem prejuízos. Os europeus também preferem capitalizar os juros. O comitê de assessoramento dos bancos credores levou esta discussão para Tóquio, na semana passada, mas não

chegou ainda a uma solução.

"Seria inteligente da parte dos banqueiros encerrar essas negociações", comentou ontem uma fonte, "frustrada" pelo ritmo das discussões, alimentadas cada vez mais por novos problemas. O próprio ministro Mailson da Nóbrega já anunciou duas vezes, uma em Caracas e outra em Washington, o fechamento do pacote para a semana seguinte, mas ele continua aberto.

"Alguns bancos se contentam com o paralelismo natural das negociações com o FMI. Outros, não. Querem cláusulas mais articuladas", explicou uma fonte. Um dos banqueiros que faz questão do FMI, consultado ontem, comentou:

"O Brasil até pode dar um jeito de fazer com que os dois acordos (o dos bancos credores e o do FMI) pareçam separados. O fato é que pode fechar o pacote com os bancos amanhã, depois, em uma semana, mas só vai receber a primeira trancha do dinheiro ao concluir um acordo com o FMI."

Dívida e Informática

Um funcionário do governo americano, surpreendido com a visita do ministro Mailson da Nóbrega, sugeriu que ele poderia trazer o texto regulamentado da Lei de Informática, "prometido para o dia 19, a terça-feira passada".

A dívida e a informática são duas questões que sempre foram aproximadas, em momentos de impasse. E as sanções comerciais acabaram esperando a demonstração de progressos nas negociações com os bancos, até que acabaram suspensas à espera da aprovação da Lei do Software e de sua regulamentação, além de algumas providências paralelas. O funcionário americano que associou as duas questões de novo ontem lembrou que num caso, o da informática, "estamos trabalhando numa versão que não é a final, passado o prazo combinado", e que, no outro, o da dívida, "o Brasil já deixou de pagar os juros de março, tendo antecipado que não poderá pagar abril, maio e junho sem ajuda externa, e isto cria uma nova onda de tensão".

Moisés Rabinovici,
de Washington